SOB O OLHAR DE NIETZSCHE: SUBJETIVIDADE, CIENTIFICISMO E EDUCAÇÃO.

Ronivaldo de Oliveira Rego Santos[1]

Resumo: Este artigo busca a compreensão do sentido educacional que restabeleça novos caminhos na atual sociedade, pois, é imprescindível a valorização tanto da subjetividade quanto da objetividade. Com vistas a uma análise renovadora, tomamos Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, crítico das bases tradicionais do humanismo ocidental. Nietzsche interpela todo o sistema social, econômico e educacional para reconfigurar as bases de uma sociedade cujo sentido deve ser promover a condição de os indivíduos terem o espírito, um pouco mais nobre, livre, desvinculado dos ideais tradicionais, abstratos e metafísicos. Percebe-se a educação como exígua no desenvolvimento ou valorização efetivamente da cultura, nem tampouco se busca a difusão dos conteúdos historicamente constituídos pela humanidade. Por isso, acredita-se ter a educação, por função principal, valorizar ambos os caminhos, como em um amálgama. Finalmente, Nietzsche ao tentar reconstituir o valor histórico do homem, considera-o como sendo o principal agente de suas ações em detrimento do transcendente, coloca-o de frente com os problemas reais, logo, inseriu o homem no mundo concreto.
Palavras - chave: Cientificidade. Tecnicismo. Subjetividade. Educação.

BAJO LA MIRADA DE NIETZSCHE: SUBJETIVIDAD, CIENTIFICISMO Y EDUCACIÓN.

Resumen: En este artículo se busca entender el sentido educativo de volver a establecer nuevas formas en la sociedad actual, por lo tanto, la valoración es esencial tanto la subjetividad como objetividad. Con vistas a un análisis renovado, que Nietzsche, filósofo alemán del siglo XIX crítico de las bases tradicionales del humanismo occidental. Nietzsche cuestiona todo el sistema social, económico y educativo para volver a configurar las bases de una sociedad cuyo significado debe ser promover la condición de que los individuos tenían el espíritu, un poco más noble, libre, individual de los ideales tradicionales, abstractas y metafísicas. Educación Se puede ver como pequeño en el desarrollo o la mejora de la cultura de manera efectiva, ni buscar en la difusión de los contenidos históricamente constituidas por la humanidad. Por lo tanto, se cree que tiene la educación, la función principal, el valor en ambos sentidos, como una amalgama. Por último, Nietzsche para tratar de reconstruir el valor histórico del hombre introyecta como el agente principal de sus acciones en detrimento de lo trascendente, pone cara a cara con los problemas reales de este modo entrado en el hombre en el mundo real.
Palavras-clave: Cientificidad Tecnicismo. Subjetividad. Educación.

[1] Graduado em Pedagogia (UEG), Especialista em Ensino de Filosofia (Universidade Cândido Mendes), Mestrando em História (PUC - GO Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Professor dos Cursos de Letras e Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, *Campus* Campos Belos e na Rede Municipal de Ensino da mesma cidade. E-mail: roniregogo21@gmail.com.

UNDER THE LOOK OF NIETZSCHE: SUBJECTIVITY, SCIENTISM AND EDUCATION.

Abstract: This article seeks to understand the educational sense to re-establish new ways in today's society, therefore, the valuation is essential both subjectivity as objectivity. With a view to a renewed analysis, we Nietzsche, German philosopher of the nineteenth century critic of the traditional bases of Western humanism. Nietzsche challenges the whole social, economic and educational system to reconfigure the foundations of a society whose meaning must be to promote the condition that the individuals had the spirit, a little more noble, free, detached from the traditional, abstract and metaphysical ideals. Education It can be seen as tiny in the development or enhancement of culture effectively, nor search the dissemination of the contents historically constituted by humanity. Therefore, it is believed to have education, main function, value both ways, as an amalgam. Finally, Nietzsche to try to reconstruct the historical value of man introjects it as the main agent of his actions to the detriment of the transcendent, puts you face to face with the real problems thus entered the man in the real world.
Keywords. Scientificity. Technicality. Subjectivity. education

Considerações iniciais

Nunca foi tão necessária uma releitura do contexto educacional quanto hoje, perante as transformações econômicas, sociais, culturais etc. ocorridas nos últimos anos. Pensando nisso, pretende-se neste artigo indagar as bases da educação contemporânea tendo como pressuposto o filósofo alemão Friedrich Nietzsche bem como apontar para a importância de seu pensamento para a formação dos professores. Esse pensador foi crítico de seu contexto histórico e insurgiu-se contra as principais correntes do pensamento filosófico de seu tempo, pois para ele os valores emergentes naquele modelo de sociedade, sustentada por preceitos metafísicos, voltavam-se somente para o utilitarismo burguês, visavam lucro e destituíam a verdadeira cultura.

Nessa medida, toma-se Nietzsche por provocar ao desconhecido. Já é tempo de deixar de lado o receituário educativo que suave e ideologicamente é imputado pela sociedade atual aos homens e mulheres. O radicalismo nietzschiano está para além do aprisionamento das mentes pelas convenções e dogmas. Sua cientificidade é pautada na condição, inexoravelmente, invencível da superação de si (nós) mesmo (s).

> A radicalidade com que Nietzsche ataca os fundamentos metafísicos e todos os ideais, repõe a pergunta pelo sentido da educação, uma vez que desautoriza um ideal com validade universal, as sólidas verdades que asseguram a intervenção pedagógica, as certezas emancipatórias e as

> perspectivas de controle sobre o comportamento correto (HERMANN, 2002; p. 144-145).

Em detrimento à cultura e ao ser humano, a educação vem moldando as mentes das crianças, dos jovens e dos adultos em formação, tanto no ensino básico quanto no superior, para o não-pensar. O ser humano acaba por se tornar escravo de tudo e de todas as ideologias. Porque não sermos, então, escravos da boa educação e da verdadeira cultura (NIETZSCHE, 2011, EE[2]): a primeira que valorize o ser humano, sua condição como agente de transformação e a segunda renovando os valores, simbologias e costumes. Neste sentido segundo Nietzsche, se o sistema educa o homem para ser sua ferramenta e não lhe propiciar a visão necessária do mundo é melhor não educá-lo (NIETZSCHE, 2011, EE).

Para endossar tais discussões faz-se uso de alguns críticos de Nietzsche entre os quais se destacam: Jorge Larrosa (2009), Dias (2003), Giacoia Junior (2005) em diálogo com os textos do próprio autor, além de fazer algumas especulações, de caráter profundamente filosófico, acerca do papel do educador e de alguns aspectos concernentes à sua formação. Assim, o artigo está dividido em quatro partes: a primeira faz uma breve discussão conceitual sobre subjetividade e objetividade, objetos que norteiam o texto; em seguida, trata-se da crítica nietzschiana à educação e a cultura, pois sucumbidas aos ideais modernos; na terceira parte evidencia-se qual seria a posição de Nietzsche frente aos desafios da educação básica de sua época e também de hoje; por último analisa-se a questão da universidade e do pensamento na perspectiva nietzschiana. Todos estes elementos são articulados, na medida do possível, à formação do professor tal como Nietzsche a problematizaria, isto é, buscando uma formação para o pensamento.

Subjetividade *versus* objetividade

Como se pode inferir, a notória impossibilidade de se estabelecer hodiernamente visões desligadas de um caráter objetivo dificulta a valorização do ser como apreensão de si mesmo. Ante ao sistema econômico e educacional técnico-científico já secularizado, a objetividade produz e reproduz a tônica do conformismo e consequentemente a do

[2] Por motivos didáticos, para evidenciar, quando preciso as obras da juventude de Nietzsche sobre a educação, utilizamos das seguintes siglas. (EE) Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino; (SE) Schopenhauer educador.

utilitarismo. “Por isso, a realidade social da natureza e as ciências humanas, ou ciências naturais do homem, constituem expressões idênticas. Enquanto permanecer a divisão entre esses dois tipos de ciência, a ciência se converterá num poder de alienação” (JAPIASSU, 1978, p. 179).

A objetividade de forma sistemática é fruto dos pensadores modernos que ratificaram a agonia renascentista e a elevaram a um patamar superior. Com o advento da ciência moderna e do pensamento antropocêntrico o homem deixou de ser objeto da manipulação divina e se tornou autônomo e manipulador da natureza, tornou-se sujeito. A partir de pensadores como Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), Albert Einstein (1879-1955) e Isaac Newton (1642-1727) a objetividade passou a se apresentar em linguagem matemática, a linguagem perfeita (JAPIASSU, 1978, p. 179). Em uma roupagem ainda *quê* contemporânea, a objetividade entremeia a sociedade, logo a escola, bem como as ações de formação docente.

O excesso de objetividade, inicialmente exclusividade das ciências naturais até pelo menos meados do século XVIII, entra em um período inovador com Augusto Comte (1798-1857) e sua lei dos três estados: o metafísico, o teológico e o positivo[3]. A objetividade se tornou tão corriqueira no âmbito da ciência e das relações humanas que algo somente era reconhecido como válido se fosse comprovado pela observação e pelo experimento.

No que tange a reflexão nietzschiana, mesmo sendo profundamente crítica da objetividade cientifica, em *Humano, Demasiado Humano* ainda demonstra certo otimismo. No aforismo 251 ele assevera que em uma cultura superior os homens deveriam possuir “dois cérebros”, um para as “coisas científicas” e outro para as “não científicas” (NIETZSCHE, 2005, p. 158-159). O problema identificado por Nietzsche diante do objetivismo perpetra uma reviravolta no ser da humanidade: a transferência do poder de Deus para o poder do homem científico, da razão.

Com isso, até mesmo a negação da identidade do humano fica a margem dele próprio. O que lhe é subjetivo converte-se em “tecnificado”, imposto por uma série de sistemas ideológicos. Em um mundo eminentemente tecnológico e consequentemente cientificista o sujeito não tem mais uma cultura e uma identidade única, mas plural e volátil.

[3] Para uma reflexão breve, mas profundamente interessante: JAPIASSU, Hilton. *Nascimento e morte das Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, 1978, p. 113-116.

> Coloque-se agora ao lado desse homem abstrato, guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato: representa-se o vaguear desregrado, não refreado por nenhum mito nativo, da fantasia artística; imagine-se uma cultura que não possua nenhuma sede originária, fixa e sagrada, senão que esteja condenada a esgotar todas as possibilidades e a nutrir-se pobremente de todas as culturas – esse é o presente, como resultado daquele socratismo dirigido à aniquilação do mito (NIETZSCHE, 2007, p.133).

A escola passa pelo mesmo processo, torna-se abstracionista e confunde subjetividade com contemplação, deixando muitas vezes de complementar suas ações com a cultura inerente à cada pessoa. O processo de aniquilação do mito (mito aqui tomado como identidade cultural) preconizado, segundo Nietzsche por Sócrates, se repete na atualidade quando se confunde o subjetivo com o individualismo.

Em contraposição a isso, aqui a subjetividade é entendida como "(...) o âmago mais profundo da experiência, não é possível apenas conhecê-la objetivamente. Tudo que eu consigo saber pelo caminho do conhecimento objetivo não é ainda subjetividade. Para conhecê-la preciso sair da relação sujeito-objeto (...)" (AMATUZZI, 2006). Logo, o subjetivo implica um olhar para si mesmo, uma autocompreensão, uma análise que cada sujeito tem de si próprio a fim de superar a sua condição decadente[4] de homem, criada pelo subjetivismo metafísico moderno. A compreensão já parte de uma condição prévia dos instintos do sujeito que é resultado sintético da dialética interior-exterior.

Em síntese, entende-se a subjetividade como uma postura afirmativa dos aspectos peculiares de cada pessoa, pois engloba os valores e conceitos da cultura em que se vive, não mais como a visão "matematizante", racionalizada e abstrata da concepção cartesiana.

A subjetividade como esboçado neste trabalho busca superar a face do "eu" passivo e estável, haja vista que, "(...) Nietzsche repudia a ideia espúria de um 'eu' fixo e estável, a qual contribui, em muitos aspectos, para a vida gregária, pois, no fundo esse 'eu' é igual aos outros 'eus' gregários (...). O 'eu' a que Nietzsche se refere é algo que se almeja e se supera (...)" (DIAS, 2003, p. 68). A subjetividade passa a ter outra representação, agora mais profunda, pois ligada ao âmbito das relações educativas, por sua vez, concretas e efetivamente humanas.

[4] Sobre a condição de decadência da humanidade cf. SAMPAIO, Evaldo. *Por que somos decadentes?* afirmação e negação da vida segundo Nietzsche. Brasília, Editora da Unb, 2013.

Não seria o processo de objetivação e individuação nocivo à formação do professor e posteriormente aos alunos? Sendo assim, como Nietzsche percebe (ria) a educação e a formação dos professores em sua época? Suas críticas e observações podem ser contextualizadas nos dias de hoje? Tais questionamentos são discutidos nas seções seguintes.

Nietzsche: crítico da educação moderna

As ideias nietzschianas sobre educação e a figura do professor estão expostas basicamente em dois escritos da juventude: *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* e *Shopenhauer como educador*. Esses excertos foram seus únicos escritos do tipo antes de se tornar um filósofo andante e por isso, representam o cerne seu pensamento pedagógico. E ainda, identificam a sua proximidade com o ato educativo, diferente de outros textos sobre educação que permeiam todas as suas obras futuras, embora sem tanta veemência como as da juventude.

Nietzsche, por ser crítico do processo educativo e cultural moderno, deixa de crer no idealismo do espírito romântico e no sujeito iluminista, adorador da razão e da ciência. Esse ideal sustenta as principais ideias burguesas de comércio, lucro e individualismo. Para Nietzsche educar é viver e inventar a vida sem a linearidade burocrática do técnico e do especialista, legado das revoluções burguesas, produtoras de uma pseudocultura, responsável pela racionalização e "tecnificação" da vida dos homens, primando pelo egoísmo e o utilitarismo da educação. Em tom irônico diz Nietzsche que:

> A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão correntes quanto possível, um pouco no sentido em que se fala de uma moeda corrente. Quanto mais houvesse homens correntes, mais o povo seria feliz; e propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conclama a se tornar corrente, formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber ela possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e de lucro (NIETZSCHE, 2011, p. 73, EE).

A funcionalidade da educação moderna apoia-se no redimensionamento dado pela evolução da ciência e da indústria, que atinge, inequivocamente, o cerne da educação através da formação para a futura atuação no mundo racionalizado. A crítica proferida por Nietzsche a esse modelo de formação desenvolvida nos centros de ensino alemães é

também, uma reflexão sobre um projeto social cujo legado vê-se hoje. Isto é, um ensino pautado na valorização do individualismo e a proficiência dos números, propagando, assim, a universalização de verdades científicas.

Paradoxalmente, a educação atual não consegue reproduzir sequer os valores da cultura dominante, quanto menos criar novos valores, especialmente, contra o proselitismo econômico-tecnicista que secundariza a educação formal a um nível técnico. Cria, assim, uma massa de pessoas educadas para o trabalho massificador e especializada em apertar parafusos (LARROSA, 2009). Observa-se, então, que há uma tendência em se formar professores pura e simplesmente para o mercado de trabalho, para ser o técnico, por que não dizer o burocrata sem tempo para pensar ou para fazer seus estudos, que são exigências mercadológicas.

Portanto, o pensamento de Nietzsche atualmente pode ser ferramenta para o ato educativo, pois a educação poderá se desvincular da verdade eterna e imutável. Assim sendo, não é possível o conhecimento sucumbir-se aos conceitos *a priori.* O pensamento pedagógico de Nietzsche nos elava a uma condição insólita e pertinaz acerca de como deveria ser educação, substancialmente porque não cria vontades inacessíveis, mas, coloca o ser humano de frente à realidade, proporcionando os meios para transformá-la.

Para o "Filósofo de Röcken" educar é viver, quando os atores desse ato se prostram diante do abstracionismo dos livros e do intelectualismo erudito, não passam de seres ineptos e subservientes, construtores de uma cultura alheia à condição das crianças e dos homens que formam.

> Nietzsche, como educador, não tinha interesse em se tornar um vasculhador de textos antigos, fechado em seu gabinete, nem em criar um círculo de alunos atentos, que seguissem indiferentes à vida que os rodeava. Pretendia, isso sim, incentivá-los a um olhar singular sobre determinada ciência, conduzi-los de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida (DIAS, 2003, p. 26).

Embora o filósofo alemão refute o eruditismo isso não significa ser o educador um pragmático, pois formação no labor da sala de aula, sem nenhum pressuposto teórico não tem mais razão de ser. O verdadeiro educador é antes um libertador e conhece a essência e a dificuldade de libertar alguém. Todavia, o ato de libertar exige, antes de tudo, vontade de se libertar, está é uma máxima substancial para o professor em formação e para quem é formador, pois a educação deveria ser um ato de libertação mutua entre os atores. Ainda que, a função do verdadeiro educador seja fazer o educando passar por toda a dificuldade até sua libertação, a fuga dos grilhões da estética moral é o caminho para o

educando se tornar exceção, saindo, destarte, do seio da massa compulsória e insípida do conhecimento, eminentemente industrializada. Essa, por sua vez, visa somente o lucro, base do egoísmo característico da sociedade contemporânea.

Nessas circunstâncias destaca-se a necessidade de superar as aparências e ilusões, "[...] pois estas naturezas odeiam, mais do que a morte, o fato da aparência ser necessária. (NIETZSCHE, 2011, p. 180, SE)". Os últimos tipos de educadores precisam, mais do que nunca, dos seus verdadeiros amigos para lhes compreenderem, concederem amor, compreensão e "suportabilidade". Somente assim conseguirão entender a explosão vulcânica dessa mente. Se isso não acontecer, é preferível a morte. Por tanto, é preferível buscar a compreensão da realidade educacional, não somente as imagens e as cores por ela refletidas (NIETZSCHE, 2011, SE).

A visão de Nietzsche é, inclusive para os dias atuais, profundamente crítica, tendo em vista, não recorrer estritamente aos fatores econômicos e financeiros que o sistema educativo vem difundindo por todos os cantos da sociedade, desde as creches até os cursos de pós-graduação. As propostas desses ciclos de ensino visam à eminência dos cargos nas grandes indústrias e das cátedras universitárias, tal como ocorria na Alemanha do século XIX. Logo, é possível que nem sempre forme pessoas e professores capazes de pensar e de ensinar a pensar.

Em contraposição a uma perspectiva unilateral Nietzsche propõe a multiplicidade de olhares. Portanto, "A objetividade [...] não se consegue buscando um único ponto de vista, mas se aprende multiplicando as perspectivas, aumentando o número de olhos, utilizando formas efetivas de olhar dando à visão uma maior pluralidade, amplitude, uma paixão mais forte" (LARROSA, 2009, p. 28). A formação de professores, especialmente os da educação básica, deve-se fundamentar nesse princípio, pois só é possível pensar na multiplicidade de conhecimentos e no reconhecimento dos problemas existentes. Não se pode entender que a educação seja, não obstante aos seus processos, apenas transmissão dos conteúdos engendrados, mas compreensão holística dos processos vividos.

Um olhar sobre a educação de base

A educação de base atualmente é fruto de várias discussões em todo o Brasil. No tocante aos aspectos propostos até aqui, pode-se apontar que já nas creches o processo de objetivação do ser humano é explícito. Diga-se de passagem, a própria ideia desse tipo de

instituição preconiza uma refutação aos aspectos criadores da criança em função de sua inserção nas relações formativas e modeladoras de seu pensamento. A tal perspectiva Silva (2011) atribui a concepção designada de otimismo pedagógico, arraigada ao jeito racional de ser em contraposição a jeito estético-trágico de ser.

> O jeito racional tem empenhos altruístas de intervenção nos acontecimentos da vida e acredita na evolução, no progresso e no desenvolvimento lineares. Além disso, constrói expedientes lógicos para justificar tais empenhos e tais crenças. O desejo de progresso e a ênfase na evolução do processo histórico-social, devido às ações intervencionistas que advêm de ambos, proporcionam a esse jeito uma aparência ativa, transformadora e revolucionária (SILVA, 2011, p. 110).

Norteados pela visão acima, cabe apontar para uma falsa ideia de progresso social atribuída a uma inserção apressada da criança na educação formal. Em consonância com a crítica de Silva (2011), é possível dizer que a "[...] instituição de educação infantil não caracteriza em Nietzsche o apogeu do espírito de criança, mas, ao contrário, por se tratar de uma instituição de caráter burguês-capitalista, caracterizada pelo assistencialismo, dissemina o individualismo, o egoísmo e o utilitarismo" (REGO SANTOS, 2014, p. 6). E mais, pois, "A criança deixou de ser a aurora de uma nova moral e passou a ser o meio da secularização da moral de rebanho e do espírito de massa" (REGO SANTOS, 2014, p. 6).

Tendo em vista esses apontamentos, como poderiam ser caracterizadas as instituições de educação infantil no cenário atual de otimismo pedagógico, falsificador das condições criativas? Como a formação do professor o influenciou na secularização desse ideário? Sua característica principal, das instituições e dos professores, seria formar pessoas dóceis desde cedo, modeladas para não pensar os processos aos quais estão inseridas? Ao descrever esses processos, Foucault utiliza os seguintes argumentos:

> Forma-se então [inicialmente] uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis" (FOUCAULT, 1987, p.164).

As proposições do filósofo francês aparentemente muito duras contribuem para o entendimento dessas relações, principalmente por destacar o caráter ideológico emanado dos discursos e práticas estatais para uma educação progressista, cujo interesse suposto é colocar a criança o quanto antes em contato com o ensino. Doravante, essa mesma criança estaria apta a viver em sociedade e desenvolver todas as suas habilidades com maestria.

Ao fazer uma análise das atividades aplicadas em uma creche da cidade de Campos Belos, Goiás, Rego Santos (2014) desconstrói a imagem otimista denunciada por Silva (2011) e Foucault (1987) bem como mostra a criança submetida em outra condição, pelo menos nos termos de sua aplicabilidade. Diz ele que:

> Dentro dos preceitos da sociedade dominante, a criança idealizada é "prensada" por um currículo hiperespecializado, com conhecimentos fragmentados, com uma ordem que não é de seus pais. Tudo isso em prol do prolongamento de uma estrutura social onde quem ascende socialmente não é quem tem conhecimento, mas quem tem *certos conhecimentos* e uma disciplina inquebrantável (REGO SANTOS, 2014, p. 7).

Do mesmo modo, isto é, as mesmas condições aplicadas à creche são percebidas em todo o processo de educação básica, uma vez que os princípios da criatividade não são desenvolvidos, bem como o pensamento sistemático fundamental para a reflexão dos processos vividos. Com base nessas categorias e também as relações sociais, politicas, econômicas e, porque não mencionar a influencia da mídia nas crianças e jovens, como ensinar de modo a favorecer o olhar filosófico a mentes tão conturbadas pela mídia, pela internet, pelos videogames? Como educar para o pensamento e para a criação? Nietzsche entendia os jovens como seres carregados de vaidades e vontades inescrupulosas, frutos da imaturidade. Tendo isso em vista, em *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* ilustra como deveria agir o mestre-educador perante as primeiras produções de seus alunos:

> O que lhes seria censurável nestas composições? Sobre o que chama ele a atenção de seus alunos? Sobre todos os excessos de forma e de pensamento, quer dizer, sobre tudo o que nesta idade é de maneira geral e característico e individual. O mestre critica o verdadeiramente autônomo que, nestas excitações prematuras, não pode justamente exprimir-se senão como inabilidades, como saliências e como traços grotescos; portanto, é o individuo na sua acepção exata que é repreendido pelo mestre e rejeitado em proveito de um meio conveniente, privado de originalidade (NIETZSCHE, 2011, p.84, EE).

Em *Schopenhauer Educador*, vai mais fundo e mostra qual verdadeiro papel do educador:

> Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelarão o que verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental de sua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer formação, qualquer coisa em todo caso de difícil acesso, como um feixe compacto e rígido: teus educadores não podem outra ser outra coisa senão teus libertadores (NIETZSCHE, 2011, p. 165, SE).

Ao rever a tônica propulsora da verdadeira cultura o pensador alemão postula uma dupla ação ao papel do professor. Tanto resgata a percepção transformadora do aluno quanto pode repreendê-lo, caso esteja desenvolvendo o caráter promiscuo da cultura, em prol dos "pseudovalores", como o consumismo, individualismo e o utilitarismo, instituídos na sociedade capitalista como fonte da mais profunda ética. Tal repreensão se dá em função da imaturidade do jovem, e também pela sua falsa ideia de autonomia. Assim, a negação desses aspectos juvenis é necessária para a elevação do espírito, contudo, só é possível efetivamente pela via de um educador que tenha sido formado e preparado para isto: fazer seus alunos aprenderem a pensar.

Sendo a escola o espaço onde as relações ocorrem, caberia ao professor ser qualificado para fins de alcançar o alto nível cultural exigido[5]. Portanto, somente as pessoas com um instinto verdadeiramente livre deveriam atuar na educação, para não deixar nas mãos de "qualquer um" o futuro tanto da sociedade quanto da cultura, pois, a mediocridade de alguns professores pode levar a sociedade à decadência. Por isso, por acreditar que o ser professor provém do trabalho duro, e não de vocação ou dom, asseveramos a possibilidade de formar professores para o pensamento, para experimentar sua vida e seus processos.

Por isso, a educação e a cultura não podem andar entorno da metafísica, do abstracionismo. A realidade deve ser refletida e discutida tanto através da cultura quanto da falsa cultura instalada, principalmente pela mídia[6]. Por essa razão é mister sublinhar que:

---

[5] No século XXI também se prega a ideia de qualidade total em educação. Todavia ela se dá por vias díspares às estabelecidas por Nietzsche. Uma educação de qualidade neste estaria muito mais próxima as elevação cultural e espiritual, naquele tipo de sociedade está muito mais ligada aos preceitos de mercado e do cientificismo, base do que se chama de qualidade total. Para uma reflexão sobre este assunto cf. SILVA, Tomaz, Tadeu da; GENTILI, Pablo. *Neoliberelismo, Qualidade Total e Educação*. São Paulo, Vozes, 2011.

[6] O problema das mídias vem à tona de maneira a exemplificar o aspecto medíocre ao qual se submete a escola. Refuta-se a cultura sobre qualquer aspecto, elimina-se também os agentes que dela fazem parte. A

> Quanto à função do educador, Nietzsche diz que o mestre deve ser ao mesmo tempo "asas" e "freio" para os seus discípulos, quer dizer, ele deve dar condições para que eles se elevem, mas também deve conter os seus ímpetos e arroubos da imaturidade. Por outro lado, num plano mais elevado, que extrapola certamente as dimensões dos estabelecimentos formais de ensino, o educador deve ser ainda "médico" e "salvador", quer dizer, ele deve curar as "doenças da alma" decorrentes de uma disposição deficiente do corpo e permitir o acesso à sabedoria (...) (SOBRINHO, 2011, p. 39).

E continua o mesmo autor na página seguinte tratando o modo que Nietzsche entendia a escola na qual o aluno é respeitado:

> Uma "dura escola" exige uma dura disciplina para o corpo e para o espírito, mas também uma forte economia de elogios e indulgências, uma forte dose de censura, se é que esta escola existe para a formação de exceções, os homens capazes ao mesmo tempo de mandar e obedecer, tal como deseja Nietzsche (SOBRINHO, 2011, p. 40).

Observa-se em relação aos ciclos de ensino que eles seriam apenas momentos preparatórios para os alunos atingirem os objetivos estabelecidos pelo mercado de trabalho, negligenciando, o esclarecimento sobre as referidas condições. O mercado precisa de pessoas para cumprir certas funções sem muitos questionamentos, resgatando a tônica massificadora do consumo. O estudante deveria no mínimo entender por que ele tem que trabalhar e como o processo de formação da sociedade ocorreu.

Portanto, parafraseando Nietzsche[7], à educação de base faltam os elementos fundamentais para a verdadeira cultura, desde os mais simples até os mais complexos, incluindo aí a própria língua materna. Sendo tais condições verídicas, cumpre sublinhar que o cientificismo, ornamentado pelo otimismo pedagógico nada contribui existencialmente para a formação de pessoas pensantes e sim para o desenvolvimento de

instituição escolar ao negligenciar os problemas da tecnologia e principalmente da mídia está a deixar os jovens, os maiores consumidores e inovadores dessa cultura, à margem da reflexão necessária sobre sua existência. Assim, a postura do educador implica em uma posição amplamente transformada, ampliando a relação com seus alunos. Isso sugeriria ao educador disseminar a coesão entre o sujeito e o mundo, alcançada somente a partir do momento em que o sujeito se tornar notadamente um ser de ação e de pensamento. Sobre este aspecto, diz Morin (2008, p. 80): "(...) o circulo de docência não deveria fechar-se, como uma cidadela sitiada, sob o bombardeio da cultura de mídia, exterior à escola, ignorada e desdenhada pelo mundo intelectual. O conhecimento dessa cultura é necessário não só para compreender os processos multiformes de industrialização e supercomercialização culturais, mas também o quanto das aspirações e obsessões próprias a nosso "espírito da época" é traduzido e traído pela temática das mídias .

[7] O trecho parafraseado é "ao ginásio falta até agora o primeiro objeto de estudo, o mais simples, com o qual começa a verdadeira cultura, a língua materna: e por isso mesmo lhe falta o solo natural e fecundo necessário a todos os esforços posteriores no sentido da cultura" (NIETSZCHE, 2011, p. 89, EE).

uma sociedade gregária. Nesta perspectiva, a formação do professor para o pensamento, para reflexão dos processos vividos pode ser um dos caminhos para a formação de uma sociedade pensante. Aqui, portanto, as universidades, que trabalham com a formação desses profissionais, devem ter como principio norteador a formação crítica do professor, não somente sua inserção, muitas vezes prematura, na escola.

A universidade

Com base nos argumentos anteriores, pressupõem-se a universidade também estar inserida no arcabouço até agora constituído. Mas, não teria ela que contribuir para a construção de subjetividades criativas e pensantes? Que trabalhar na direção da formação, efetivamente, crítica dos professores? Ou está mais ligada à difusão do cientificismo e aos valores de mercado, como a educação básica?

Desta feita, cumpre entender a reflexão nietzschiana sendo aquela capaz de colocar em suspenso os ideais mesquinhos que contaminam também a universidade, haja vista ser esse pensamento de capaz de colocar

> [...] sob suspeição as expectativas de construção do sujeito soberano do idealismo alemão e toda a tradição do humanismo, revolvendo as convenções que produzem, mostrando o avesso de uma filosofia que já não da conta da vida, porque sucumbe à pura abstração. Trata-se, portanto, de uma teoria que cancela, ou pelo menos, suspende o conceito clássico de formação (HERMANN, 2002, p. 143).

Para a consolidação dos processos mencionados acima, necessita-se, que os educadores sejam formados de maneira a não comprometer a tragicidade inoculada em cada aluno-professor. A derivação do termo trágico vem carregada da mais profunda interpretação nietzschiana, isto é, como elemento ôntico[8] do homem. Entende-se com isso a ciência apresentada e discutida na universidade como passiva de superação, pois tal como a verdade a ciência também é volátil. Conhecer de forma universal constitui um profundo engodo. Portanto, o sentido da universidade deve ser a elevação da cultura. No contexto apresentado, o papel das instituições de ensino superior deveria ser voltar-se para formação no seu sentido trágico. Os imperativos categóricos deveriam passar pelo

[8] "(do Gr. *on*, *ontos*: o ser, aquilo que é) palavra criada por Heidegger para designar o ser-aí (*Dasein*), em sua existência concreta, distinguindo-se do ontológico, que diz respeito ao ser em geral" (JAPIASSU, 1996; p. 200).

crivo da reflexão filosófica, a fim de que os futuros professores encontrassem os seus próprios caminhos, derrubando os ídolos emancipatórios e igualitaristas defensores da homogeneização.

Sendo assim, caso a universidade não atenda essa concepção, ela própria seria apenas uma continuação do ginásio, isto é, não levaria à cultura:

> A cultura apreendida no ginásio passa, como um todo realizado e com pretensões de liberdade de opção, pelas portas da universidade: ele exige, dita as leis e julga como um tribunal. Assim, não alimentem ilusões sobre o estudante culto: pois ele é apenas ainda, na medida em que acredita ter recebido a consagração da cultura, um aluno do ginásio formado pelas mãos de seus mestres; e como tal, desde o seu isolamento acadêmico, o mesmo depois de ter deixado o ginásio, ele continua fica privado de toda formação ou toda a direção ulterior que o levaria à cultura, para assim viver por si mesmo e ser livre (NIETZSCHE, 2011, p. 148).

Segundo a perspectiva nietzschiana as universidades estariam (de certo modo estão) sendo corrompidas pelos ranços paternalistas e provincianos. O miasma da corrupção cultural tornou-se moral, moral de rebanho, pela qual os estudantes universitários se apequenam diante da sujeição dos professores tachados de bons, bons em elogios e bajulação. A ótica do agradecimento em relação às obrigações fundamentais do grande Estado liberal[9] leva quase toda a sociedade a se prostrar diante dessas obrigações transmutadas em favores.

Diante disso, sublinha-se que as universidades buscam uma falsa eficiência técnica e alienadora do mercado, não conforme a necessidade de transformar a cultura. Isso por que:

> Antes de tudo existe uma pressão superadaptativa, que leva a adequar o ensino e a pesquisa às demandas econômicas, técnicas e administrativas do momento; a conformar-se aos últimos métodos, às últimas estimativas do mercado, a reduzir o ensino geral, a marginalizar a cultura humanista. Ora, na vida como na história, a superadaptação a condições dadas nunca foi um indicio de vitalidade, mas prenúncio de senilidade e morte pela perda da substancia inventiva e criadora (MORIN, 2008; p.83).

[9] Como toda instituição liberal as universidades não fogem ao papel estabelecido por esse modelo, logo diz Nietzsche que "As instituições liberais deixam de ser liberais tão logo sejam alcançadas: não há, posteriormente, piores lesadores da liberdade do que as instituições liberais. Sabemos, afinal, o que elas conseguem fazer: elas minam a vontade de poder, elas são o nivelamento de montanhas e vales elevado à categoria de moral, elas apequenam, acovardam e incitam à busca de prazeres – com elas triunfa sempre o animal de rebanho. Liberalismo: em linguagem clara, transformação em animais de rebanho" (2010, p.110).

A "superadaptação", em Morin (2008), não se furta ao direito de chamar a universidade a se reformar. Inclusive o termo reforma parece ser muito aquiescente aos preceitos universitários hoje voga. Para realmente se obter uma universidade necessária, de qualidade, é preciso *a priori* transformar o pensamento (MORIN, 2008). Esse é um processo contínuo, devendo ser desenvolvido a partir dos professores estimuladores do pensamento. Pois, quando são críticos, os professores perturbam as mentes incólumes de muitos alunos, conspurcadas pela inércia.

Com isso deve-se superar a visão jornalística, a qual para Nietzsche é a consumação do ideal racionalista, estabelecida em prol da justaposição desorganizada das notícias e vive do instante, não tem estilo, além de viver de descrever tudo apressadamente. *A priori* Nietzsche identifica esse tipo de ensino, principalmente ligado ao aprendizado da língua alemã pelos alunos do ginásio. Da mesma maneira, reconhece, profetizando o futuro das nossas universidades, o seu caráter colegial. Diz ele que "em todos os campos da atividade pedagógica" as pretensões dos detentores de títulos pomposos não se distanciam do que é "mais fácil e do mais cômodo" (NIETZSCHE, 2011, p. 83, EE).

Nesse sentido questiona o filósofo alemão:

> "Qual é a tarefa de todo sistema de ensino superior?" – Fazer do homem uma máquina. – "Qual o meio para isso?" – Ele tem que aprender a enfadar-se. – "Como se alcança isso?" – Mediante o conceito de dever. – "Quem é seu modelo para isso?" – O filólogo: ele ensina a *suar* [...].(NIETZSCHE, 2006, p. 80, §29)

O filósofo alemão adverte sobre o papel da universidade na sua época e ao mesmo tempo prevê os dias atuais. Mesmo os contextos diferentes, o fim ainda aparenta ser o mesmo: transformar as pessoas em seres manipulados, fracos, covardes, bons. As universidades estão de servindo de subterfúgio ao pensamento, a reflexão e à crítica. Lá se trabalha como um animal, o animal de rebanho; carrega-se peso como o camelo. Isso ocorre também por que a humanidade tem medo de ir além, de buscar o desconhecido, de querer chegar a certo nível de autoconhecimento, de se reinventar. Por isso deve-se sempre ir além, pois,

> O eu que importa é aquele que há sempre além daquele que se toma habitualmente por sujeito: não está por descobrir, mas por inventar; não por realizar, mas por conquistar; não por explorar, mas por criar da

> mesma maneira que um artista cria sua obra [...]. [...] não tem que saber aonde se vai, não tem que se deixar seduzir por finalidades demasiado concretas, por imperativos com os quais a consciência "se entende rapidamente [...]" (LARROSA, 2009, p. 64-65).

Nesse contexto, salienta-se a necessidade de os professores instigar seus alunos, provoca-los à busca ao desconhecido, para não saírem das universidades especializados em disciplinar, em mecanizar, especialistas na produção do não-pensar. Diante disso, cumpre observar, segundo Larrosa, que:

> [...] a ideia de *Bildung*[10] articula-se, também, na Pedagogia, especialmente no discurso que se produz em torno do papel formativo das humanidades, e em um momento em que se está constituindo o bacharelado humanista, ou de letras, que é dominante na Europa até bem recentemente, até o triunfo irreversível de uma ideia de educação mais pragmática, mais instrumental e mais tecno-científica. (Idem. Ib., p. 44)

Nota-se duas interpretações do ideal de formação postulado em todo o mundo. Por um lado, o modelo de formação visa o abstracionismo e o academicismo, caindo em um panorama de formação do professor cujo princípio ridiculariza a vida e a verdadeira cultura em prol da "canonização" da ciência e da técnica. Por outro, revitaliza o pragmatismo, manipulador da cultura e do conhecimento. O "'o que se é' não está agora ao lado da unidade, mas na multiplicidade, ou melhor, dessa unidade na multiplicidade, dessa singularidade múltipla que é a obra de arte" (LARROSA, 2009, p. 56), logo, que é a arte de viver.

O educador de hoje deve saber lidar com a diferença, com a difícil predestinação a ser diferente, compreender ainda que nem tudo vai acontecer de acordo com os seus planejamentos e organogramas. Todos os dias ele deve ser um artista e aprender com os infortúnios arrolados no cotidiano da sala de aula. O papel da universidade que forma docentes é libertar o espírito criador e inovador nos futuros educadores, não trancafiá-los nos grilhões das cavernas platônicas, onde somente se refletem as sombras em detrimento da existência, tal como ela é.

[10]*Bildung* (formação, configuração) é a palavra em alemão que retrata de maneira mais próxima o ideal de formação do homem grego transferido durante muitos anos na humanidade ocidental pela *Paidéia.* Para uma compreensão mais aguda sobre o termo cf. Jorge Larrosa (2009), *Nietzsche e a educação* na seção intitulada como se chega a ser o que se é. Para além da *Bildung*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> O homem é um animal de invenção, e as diferentes formas de consciência não são senão produtos dessa função intuitiva, dessa capacidade de invenção. Por isso, Nietzsche não distingue realidade e ficção, mas a ficção má, enferma, e a ficção boa, sã, em função da qual está a sua relação com a vida. Haveria então uma ficção má, temerosa e negadora da vida, e uma ficção boa, afirmativa, produtora de novidade, de intensidade, criadora de possibilidade de vida (LARROSA, 2009, p. 56-57).

A construção de um ideário de sociedade negando a vida e ratificando a ficção má, a homogeneização do pensamento, frustra a humanidade, pois há a negação das diferenças. A escola e a universidade não podem assumir o papel de equalizadoras de um contingente tão grandioso de pessoas que passam por lá. O aluno não pode ser integralmente submisso e submetido aos modelos do bom aluno. Essa é a má ficção denunciada por Larrossa (2009), pois vem carregada do desrespeito às peculiaridades do ser humano.

Conquanto, não convém viver a educação como a má ficção, cujo caráter é definir uma felicidade idealizada, tida como necessária aos parâmetros sociais e econômicos delineadores dos rumos sustentados na sociedade atual. Acredita-se, ao contrário, que os momentos trágicos, como já foi mencionado anteriormente, fazem parte da vida. Assim, dissertar sobre os problemas da educação, é uma condição estabelecida pela vivência com a tragicidade de sua má estruturação, sobretudo, no nível fundamental no qual o elemento essencial à ação educativa formal é a criança. Por conseguinte, critica-se a universidade por que há urgência em melhorá-la, um pouco sequer, principalmente no que diz respeito à consolidação de instituições que possam elevar a capacidade crítica e criadora do professores recém-formados.

Nessa perspectiva Giacoia Junior (2009) aponta os resultados de uma educação que priva os seus atores do pensar. Segundo ele:

> A dinâmica desenfreada que arrasta todos os setores da vida moderna para os circuitos administrativos da produção em massa conduzem, por um lado, a uma escravidão generalizada, ao consumo massivo,

> pressuposto moderno do bem-estar, da segurança e da "felicidade"; por outro, à mecanização, á reificação do trabalhador. Por toda a parte, sintomas do mesmo fenômeno: o rebaixamento do homem à condição de peça de engrenagem e estoque padronizado de indivíduos dóceis, nivelados e iguais (GIACOIA JUNIOR, 2009, p. 68).

A emancipação não preconiza um pensamento padronizado, nivelado ou qualquer outra coisa do tipo. Ao contrário, deve ser preservada a condição do sujeito, suas particularidades e seus instintos primordiais, pois, cimentam a sua identidade como um processo de vir a ser e melhoram os seus valores subjetivos, desvinculando-se do subjetivismo e do cientificismo racionalista.

Finalmente, não se postula aqui verdades inquestionáveis, mas a difusão da dúvida, da suspeita, da curiosidade acerca do pensamento educacional. Trata-se, ainda, do respeito à subjetividade dos alunos, o perspectivismo, sem torná-lo infantilização, isso porque, o respeito pelo outro é imanente ao respeito por si próprio. Nessa perspectiva, é fundamental tomar a educação como ambiente indissociável da vida das pessoas, pois só ela não basta, é preciso que tenha significado para existência. É importante ressaltar que não se procurou aqui criar receitas, segundo as quais o professor será universalmente bem formado, nem tão pouco atribuir os problemas educacionais única e exclusivamente a eles, como amiúde se observa. Ainda assim, um professor para o qual a formação e a autoformação lhe proporcionaram as condições de pensar, pode contribuir em demasia para a melhora das condições de ensino em seus contextos e situações específicas.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **A subjetividade e sua pesquisa**. 2006. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a10/amatuzzi03.pdf. Acesso em: 14 de set. 2014

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.

FOUCAULT**,** Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GIACOIA JUNIOR, Osvaldo. **Nietzsche e Para além do bem e do mal**.2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HERMANN, Nadja. Nietzsche: uma provocação para a filosofia da educação. In: GHIRALDELLI JR. Paulo (org.) **O que é filosofia da educação?**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e morte das ciências humanas**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978.

_____. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Pensadores & Educação).

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15ª. ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil , 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo**. São Paulo; Companhia das Letras, 2006.

_____. III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador. In: _____. **Escritos sobre educação**. Trad. Noeli C.de Melo Sobrinho. 5. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: ed. Loyola, 2011, p. 161-259.

_____. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. In: _____. **Escritos sobre educação**. Trad. Noeli C. de Melo Sobrinho. 5. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: ed. Loyola, 2011, p. 49-160.

_____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Companhia de bolso).

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de bolso).

REGO SANTOS, Ronivaldo de Oliveira. Nietzsche e a infância**.** In: **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, Inhumas – GO, V. 6 N.1 Março 2014 p. 1-12. Disponível em: http://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/1569/1922. Acesso em: 14 jan. 2015.

SILVA, Sérgio Pereira da. Pedagogia do Ressentimento: o otimismo nas concepções e nas práticas de ensino. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: v. 92, n. 230, p. 107-125, jan/abriu, 2011. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1657/1384. Acesso em:

SOBRINHO, Noeli Correia de Melo. Apresentação. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. Trad. Noeli C.de Melo Sobrinho. 5. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: ed. Loyola, 2011, p. 161-259.

Recebido em 24-09-2015
Aprovado em 10-12-2015